

## Santo da Semana: S. José, Esposo de B V M

Avisos

- 16/03 às 15h Encontro dos ministros extraordinários da Comunhão em S. João de Estoril.
- 18/03 às 21.30, Preparação para o Batismo em Tires e reunião dos catequistas em Caparide.
- 19/03 às 21.30 Festa de S. José, missa em Caparide
- 22/03 às 21.30 Velada de armas para a promessa de escuteiros.
- 23/03 às 11h Eucaristia das promessa dos escuteiros

## CRISTO - PALAVRA ÚNICA DA SAGRADA ESCRITURA

Catequese

Por meio de todas as palavras da Sagrada Escritura, Deus pronuncia uma só Palavra, seu Verbo único, no qual se expressa por inteiro: "Lembraí-vos que é uma mesma a Palavra de Deus que está presente em todas as Escrituras, que é um mesmo Verbo que ressoa na boca de todos os escritores sagrados; ele que, sendo no início Deus junto de Deus, não tem necessidade de sílabas, por não estar submetido ao tempo."

**Catecismo da Igreja Católica, 102**



## IGREJA PAROQUIAL

Praça Fernando Lopes Graça,  
Tires 2785-625  
São Domingos de Rana  
tel. : 214451650  
email: geral@paroquiatires.org

## SITE DA PARÓQUIA

www.paroquiadetires.org  
www.acolitostires.pt

Contatos

A Cáritas Portuguesa vai assinalar este ano a sua semana nacional entre os próximos dias 17 e 23 à volta do tema 'Unidos no amor, Juntos contra a fome' e com atenção particular às vítimas da crise.

## HORÁRIOS

### MISSAS

2ª a 4ª - 9h  
5ª a Sábado - 19h  
Domingo  
Tires - 9h e 11h  
Caparide - 10h

### CONFISSÕES

Sexta-feira  
17:30h às  
18:30

## Os nossos Problemas

Algumas pessoas acham que tem problemas, sentem que tem problemas; convencem-se que tem problemas. Há mais do que uma semana no século XXI está um avião perdido com centenas de pessoas: ISTO CHAMA-SE PROBLEMA! Permanecemos em oração.

Ano 2  
Nº 60  
16 Mar  
2014

# Boletim paroquial

Paróquia de Nossa Senhora da Graça - Tires  
Lema Paroquial: Uma paróquia ao ritmo da missão



## Faz-nos compreender, Senhor, quanto é grande e absorvente a missão a que nos chamaste II Domingo da Quaresma

**A amável lucidez de um grande pastor da Igreja: Homilia na Missa exequial de D. José da Cruz Policarpo, cardeal e patriarca emérito**

Irmãos em Cristo e excelentíssimos Senhores: É à imagem de Cristo "bom pastor" que poderemos apreciar e agradecer o perfil e o trabalho de D. José da Cruz Policarpo, cardeal da Santa Igreja e estimadíssimo patriarca de Lisboa. Isto se dirá de todos os ministros ordenados, mas muito em especial de quem tão inesperadamente partiu, para ficar sempre connosco, em Jesus Cristo nossa vida.

Cristo, que de si mesmo disse: «Eu sou o bom pastor. O bom pastor dá a vida pelas ovelhas». Dar a vida é, portanto, o único sinal do bom pastoreio. Como o foi no Senhor D. José Policarpo, bom, belo e verdadeiro "sacramento" da presença de Cristo Pastor entre nós.

A tantas e tão justas homenagens que agora ouvimos e sempre coincidem na altíssima figura que ele foi na Igreja e na sociedade, deixai-me juntar a minha, felizmente preenchida por décadas de convívio próximo e colaboração pastoral direta, do Seminário à Diocese e da Diocese à Conferência Epis-

copal. E faço-o para não ser redundante, e ilustrar com o que me proporcionou a mim tudo quanto proporcionou a todos.

Nascido doze anos depois dele, conheci-o na primeira nomeação, quando foi enviado para um Seminário próximo da minha terra. Para os jovens de então, cedo representou a imagem dum padre convincente, como continuou a ser. E bem precisávamos disso, naquela altura em que começavam a chegar-nos em catadupa tantos apelos e seduções de um mundo e de um modo muito diversos daqueles em que tínhamos nascido.

Estávamos em pleno Concílio Vaticano II, como logo depois na sua primeira aplicação litúrgica e pastoral, chegando-nos por esta ordem. Mas também na necessária leitura dos "sinais" que tal mundo nos dava, requerendo outro juízo, com evangélico critério. Neste preciso ponto, o então jovem Padre Policarpo foi para nós todos uma bússola de norte fixo, sobretudo depois de concluir o doutoramento em Roma, versando exatamente os "sinais dos tempos".

Não os versou apenas do ponto de vista teórico. Fê-lo da maneira mais prática e exigente, pois lhe foi cometida a tarefa de

relançar a primeira instituição formativa da Diocese, o Seminário dos Olivais. E isto logo a seguir à crise profunda que o abalara e quase extinguiu no final dos anos sessenta, por razões ligadas às aludidas mudanças epocais, em que inegáveis boas vontades duns e doutros não se conjugavam facilmente.

Aí nos reencontrámos, quando me aceitei como aluno e discípulo. E muito tinha ele de fazer, para acertar as nossas vocações em discernimento com o discernimento maior do que seria a Igreja, do que seria a sociedade portuguesa e do que deveria ser aquela para esta, à luz dum Evangelho de sempre e em tempos que pediam mudanças.

Precisávamos de fundamentar a nossa fé cristã em bases bastante sólidas, para que o sentimento e a razão se aliassem em convicções capazes de enfrentar os grandes reptos socioculturais de então. Recordo eu e recordarão todos os colegas desses anos como foi essencial e entusiasmante a convivência com o jovem reitor que tínhamos, ainda ele na casa dos trinta, quer nas aulas universitárias – especialmente as de Fé e Teologia –, quer na formação interna do Seminário, nas celebrações, na reflexão e no convívio. Talvez não tivéssemos persistido todos sem isso; e certamente não seríamos o que somos, sem ele.

Recordo, em concreto, o que foi a sua participação no sínodo de 1974, como perito do saudoso Cardeal Ribeiro. Desse sínodo sairia no ano seguinte a exortação Evangelii Nuntiandi do Papa Paulo VI, documento sobremaneira marcante para quanto se pensa e faz em termos de fermentação evangélica do mundo, como o Papa Francisco não deixa de o retomar hoje em dia. Pois bem, assim que voltou, o nosso reitor envolveu-nos diretamente no estudo dos pontos sinodais, preparando a publicação em que tratou

desta temática, bem atual como vemos.

Entretanto, Portugal vivia as grandes transformações da mudança do regime, com epicentro físico e mental por vezes próximo, muito próximo, do nosso Seminário e da Faculdade de Teologia. Nesse contexto, onde aspirações e perguntas, certezas e debates, percursos próprios e destinos gerais mais ou menos se cruzavam, de novo se impuseram a inteligência e a serenidade do “nosso” Padre Policarpo. E, mais uma vez, a leitura que fazia dos sinais que chegavam, o discernimento evangélico das coisas que aconteciam, acabou por nos contagiar em termos de esperança ativa.

Em junho de 1978 passou a ser “D. José Policarpo”, bispo auxiliar de Lisboa, colaborador direto e inspirado do Cardeal Ribeiro, a quem viria a suceder vinte anos depois. Até lá, ainda reitor dos Olivais até 1997, sucessivamente diretor da Faculdade de Teologia e reitor da Universidade Católica, consolidou o seu amadurecimento precoce e continuou, na Diocese e na Igreja em geral, nos meios eclesiais e na constante intervenção sociocultural, a ser, para nós e para muitos, aquela alta síntese de lucidez e bondade que pessoalmente moldou e geralmente inspira o modo de ser Igreja em Portugal.

“Lucidez e bondade”, disse e quero repetir, como caracterização maior do que foi D. José Policarpo na sociedade e na Igreja. Garanto até, com toda a convicção que mantenho, que não seríamos, como somos, um evidente caso de colaboração positiva Igreja – Estado, cada qual no seu campo e em benefício comum da sociedade plural que integramos, sem a marca forte da sua magnífica personalidade, do seu certo magistério e da grandeza do seu coração. Coração de “bom pastor”, sempre disponível a todas as “ovelhas”.

Nem lhe faltou clareza no anúncio evangélico, com um misto muito seu de profundidade e largueza de vistas, que tantas vezes nos libertava a nós e às circunstâncias. Assim na vida interna da Igreja e assim com quem quer que fosse e onde quer que estivesse. As personalidades sólidas são desta maneira, como tão felizmente o foi o “nosso” Cardeal Policarpo.

Mas à lucidez e à bondade com que o caracterizo, quero ainda ilustrá-las com palavras suas. Retiro-as do texto introdutório do último volume das Obras escolhidas. Escritas em setembro passado, acabam por ser quase uma súplica de convicções, que de si mesmo apresentou.

Assim escrevendo, referindo-se ao cinquentenário do Concílio, ao Ano da Fé e à Nova Evangelização: «Estes temas desafiam as Igrejas particulares e, de modo especial, os seus Bispos, a reverem o modo como receberam o Concílio: a centralidade de Jesus Cristo, a fé n’Ele como a luz que conduz a Igreja no tempo, o sentido da missão que exige algo cada vez mais difícil: compreender os caminhos da missão num diálogo

lúcido, mas repassado de amor, com o complexo mundo contemporâneo. A evolução cultural, e o papel da religião e da fé nessa evolução, é desafio conciliar carregado de exigências e de consequências».

«Compreender os caminhos da missão num diálogo lúcido, mas repassado de amor, com o mundo contemporâneo»: Demos muitas graças a Deus por nos ter oferecido D. José da Cruz Policarpo como irmão em Cristo, pai na fé e pastor da Igreja, com tão amável lucidez. E comprometamo-nos aqui, junto dos sinais da sua morte plena de vida, a continuar-lhe o caminho e o sentimento, para prosseguirmos como Igreja a servir evangelicamente o mundo.

O mundo de que Deus nunca desiste, como tão bem o comprovou, dando-nos a presença e o ministério de D. José da Cruz Policarpo, com os muitos frutos daquela cruz que levou no nome e na vida.

**Sé de Lisboa, 14 de março de 2014**

**+ Manuel Clemente,**

## Vida Paroquial

	Dom	Seg	Ter	Qua	Qui	Sex	Sáb.
9:00	Eucaristia	Eucaristia	Eucaristia	Eucaristia			
10:00	Eucaristia (Caparide)/ Catequese (Tires)						
11:00	Eucaristia						Catequese (Caparide)
15:00							Catequese (Tires)
16:00	Adoração do Santíssimo					Legião de Maria (Tires)	
16:30							Escuteiros
17:00		Atendimento para Batismo	Cartório		Cartório		Cartório/Legião de Maria (Tires)
17:30						Confissões	
19:00					Eucaristia	Eucaristia	Eucaristia
21:00			Preparação p/Batismo		Encontro Bíblico/ Legião de Maria (Caparide)	Renascer	
21:15						JSF	
21:30						Shalom	